

proletários de todos os países uni-vos



fev.-1936



n: 2



revista teórica da célula comunista
da fortaleza de Peniche

A Federação Portuguesa das Juventudes
Comunistas, com as suas melhores
saudações revolucionárias, oferece
a org. comunista de Fortaleza de



Ranicho

Secretariado

FEVEREIRO

ANO 1-Nº 2

GES
PCP

1
otogo

ADOUTRINA DE MONROE EA LUTA PLO PETROLIO

A

"America para os americanos", eis as palavras de ordem fundamental da doutrina de Monroe, como nos nossos dias a "Asia para os asiáticos" o é do imperialismo japonês.

Na essência o imperialismo é a politica de expansão territorial e económica, e pela conquista de novos mercados, escauduros da "Sobre-Produção" capitalista e do desemprego; pela conquista das fontes das matérias primas e, finalmente, para mão-de-obra indígena, mais barata.

Porém, esta politica reveste variados aspectos consoantes as condições; ora é subtil e ensinua-se sobreptiosamente, realiza-se então de modo indirecto;

ora reveste o aspecto aberto e franco, brutal, como os casos presentes da guerra italo-etiopica, e a paulatina e sangrenta conquista da China pelo rapace imperialismo japonês, o qual se desempenha da dupla missão da "brigada de choque" e de vanguarda da frente capitalista de esmagamento da revolução sovietica chinesa e de intervenção na U. R. S. S.

"A America para os americanos" ou, com mais justiça, toda a America, desde o Alasca à Patagônia, sob o domínio da burguesia yanque, teve como campeão o democrata Hoover, tem custado a mais escandalosa exploração e opressão das massas indígenas das repúblicas da America Central e do Sul.

A luta por este domínio em todo o continente americano

é na essência uma luta pelo domínio das regiões petrolíferas do México, da Venezuela, do Peru, da Colômbia, etc, e das regiões em que se promove ou pode promover a cultura da borracha.

O petróleo e seus derivados (oleos, gasolina, etc) bem como a borracha são matérias primas indispensáveis à indústria ianque, nomeadamente à indústria de automóvel e de guerra, que não pode estar à mercê de certas contingências sem o grave risco duma imediata falência.

Mas a-par-desta circunstância que tra existe que concorre para a agravamento das condições de existência das classes operárias sul-americanas e das massas indígenas. É que também o imperialismo inglês tem suas raízes e pretensões nesses países, e dum modo especial na China, onde se chocaram sangrentamente, há pouco, as contradições existentes entre um e outro destes imperialismos (contradições inter-imperialistas), choque que se traduziu pela horrósa guerra entre a Bolívia e o Paraguai, cujas populações foram imoladas em holocausto dos in-

teresses da "Standard Oil" americana e da "Royal Dutch" inglesa. Assegurando o completo domínio dos países sul-americanos, não só como mercados vastos que são da sua indústria, mas também como fontes destas matérias primas que são indispensáveis à sua laboração, o imperialismo ianque não só procura anular a concorrência do seu rival inglês, como se liberta da sua dependência em relação a este no que respeita principalmente à borracha, pois que além do Brasil, país originário da ("seringa") (árvore da borracha), a Inglaterra mantém o exclusivo do seu cultivo, dado mesmo que a produção holandesa é por ela controlada.

Após sangrentas e porfiadas lutas em que interveio directamente com os seus exercitos e as suas esquadras, indirectamente outras vezes manejando como seus instrumentos a burguesia e chefes pequenos-burgueses e toda a espécie de caciques e bar-

GES
PCP

doleiros, como Pancho Vila e outros, fomentando mesma guerra civil e toda a casta de lutas intestinas e exteriores, para dividir, o ianque conseguiu imperar. Os seus tentáculos esmagam todos os países da América Latina, e, onde tem de dividir esse domínio com o seu sinal inglês, ou surge o golpe de estado, uma mudança de governo ou a guerra, ou de comum acôrdo, quando isso é possível, dividem o bôlo em tre si.



Mas a maior parte dos jazigos petrolíferos estão nas mãos do capital americano que, enquanto auffer um lucro de 35% na exploração dos que têm em sua casa, chega a auffer 200% e até 300% no México e na Venezuela. Isto explica-se por facilidades de ordem varia que os governantes d'esses países lhes concedem na exploração dos jazigos e da industria, e pelo facto da mão-de-obra indigena ser retribuida em proporções escandalosas. O imperialismo americano explora essa mão-de-obra como lhe apraz, sem a mais leve restricção.

Em 1922, a extracção do petroleo americano atingia a seguinte cifra: 182.278.000 barris.

Porém, a partir de 1926, começa a declinar, e chega a 1929, 1º semestre, com uma produção de 21.302.000 barris, como se explica esta baixa na produção? Diminuição de necessidades, exgotamento dos jazigos? Não. Vejamos então porquê. O imperialismo americano que é dono também de grandes jazigos na Venezuela intensificou até a sua produção e assim, temos o seguinte quadro.

Em 1921..... 1433000 barris
 " 1928..... 106.000.000 "

É que o governo da Venezuela cobra menos impostos sobre a produção e a exportação do petroleo e a mão-de-obra indigena, os salários dos operarios e dos camponeses venezuelanos são infinitamente mais baixos. Encontrando nesses países uma burguesia sempre pronta a vender-se; um proletario numericamente fraco e, por vezes, não só dividido como inorganizado; contando com poderosas esquadras e exercitos; esmagando e trucidando as populações indigenas com o concurso da burguesia local, concorrendo aqui e aliando-se ali com o imperialismo inglês, seu rival, o imperialismo americano tem conseguido

do realizar em grande escala a doutrina de Monroe. A "América para os americanos" é, pois, imensa. Toda a riqueza dos países da América do centro e do Sul

para a burguesia ianque, a expensas da mais ignobil exploração e opressão do proletariado e das massas indígenas desses países.



EXTREMO ORIENTE

Lá para, muito longe, nos extremos da Ásia, existe um país "civilizado", carregado de armas e de explosivos, pronto a incendiar o mundo. Também existe outro país incomparavelmente maior, imensamente populoso, desorganizado e fraco, bárbaro em quasi toda a sua extensão.

É aproximadamente, esta a noção que quasi toda a gente tem do Extremo Oriente e dos seus problemas. No entanto a China, a imensa China, constitui um dos pontos estratégicos da revolução proletária. Devemos ligar mais importância do que por lá vai.

A China tem cerca de 480 milhões de habitantes, 90 vezes mais do que Portugal; tem 11 milhões de Kilómetros quadrados 112 vezes

maior que Portugal. As suas possibilidades em matérias primas e como mercado são, praticamente ilimitadas hoje. A Inglaterra, a França, o Japão, os Estados Unidos, e também a Alemanha e a Itália, atiram-se a ela na conquista de matérias primas e de escoadouros dos seus productos.

A luta pela posse integral da China constitui uma das preocupações dominantes do imperialismo e dos donos do mundo (em especial Peterding e Rockefeller).

Mas os trabalhadores da China complicaram o problema às grandes potências - apoderaram-se desde 1925, de um território aproximadamente igual a 15 vezes Portugal com perto



de 100 milhões de habitantes. Novos triunfos se juntam às campanhas militares vitoriosas contra os exércitos contra-revolucionários de Chang-Kai-Shek. O sul da China, parte do vale do rio Yang-Tsé-Kiang, e o largo corredor que se estende

para o norte abrangendo as regiões de Sun - Cheu, Thong-king, Singam, em direcção à Mongólia Interior, mostram a disposição dos nossos territórios e os esforços desenvolvidos pelo Exército Vermelho Chinês para atingir os Territórios Soviéticos da Republica Popular da Mongólia Exterior.

O recrudescimento da actividade japonesa tem como objectivo fundamental a conquista e a consolidação da Mongólia Interior debaixo do seu dominio de modo a evitar a ligação da China Soviética com a Mongólia Exterior. Tentá, opôr assim, uma muralha de baionetas e canhões à soviétização do Norte e nordeste da China. Procura criar uma base no continente, (Caréa, Mandchuria, Cha-Har, Ho-Pei, Jehol, etc) que lhe permita o ataque; que há muito prepara a União Soviética.

Os ataques e as provocações dos imperialistas japoneses tem aumentado de há um mês para cá. Aproxima-se a

Primavera e as operações militares na Sibéria Oriental são propícias. Tudo leva a crer que dentro de pouquíssimos meses os combates de patrulhas das fronteiras se transformará na guerra declarada.

Paralelamente à actividade japonesa as massas revolucionárias da China, da Mongólia dos territórios dominados pelo Japão, e no seu próprio território, no Império do Sol Nascente, tornam cada vez mais difíceis aos militaristas do Mikado, as condições em que se vai desenvolver a luta contra nós. Os Partidos Comunistas do Japão, da Coreia, da Mandchuria, da China, etc, conduzem uma acção de massas que vai transformar a retaguarda japonesa, um campo magnifico de revolução proletária.

Chega o movimento da luta final e do triunfo dos trabalhadores.

Em todas as condições favoráveis ao triunfo da revolução acentuam-se dum modo irresistível.

Mas no Extremo-Oriente elas são particularmente optimas para que as cadeias do capitalismo sejam ali quebradas.

AS ELEIÇÕES EM ESPANHA

GES
PCP



recente luta eleitoral em Espanha entre "esquerdas" e "direitas" tem um profundo significado anti-facista e ante-guerrista.

A frente popular conseguiu uma vitória digna de registo. Essa vitória tem um significado mais profundo que o dum simples vitória eleitoral sem mais conseqüências.

Ela representa um cheque de grande significado político e revolucionário infligido ao fascismo espanhol.

Rota a legalidade fascista que Gil Robles instaurou; obstaculizada a feroz onda de terror desencadeada pela burguesia espanhola após o esmagamento da gloriosa revolução asturiana, por força de decididas acções de massas verificadas nos próprios locais que foram tea-

tro desse gigantesco esforço do proletariado espanhol, começa logo um fluxo do movimento revolucionário.

Esta vitória tem de encarar-se principalmente, como uma resultante desse fluxo, e da pressão exercida de baixo para cima pelas largas massas operárias e camponesas de Espanha, e pela própria pequena burguesia revolucionária que, na sua capacidade e nos seus ímpetus sobrepassa e arrasta os seus próprios chefes - os Aznanzas, Martinez Barrios e outros. Nem a "frente popular" teria sido possível sem essa pressão, e pela simples vontade dos chefes socialistas e republicanos.

A luta pela Anistia, pelo restabelecimento das liberdades democráticas, contra o fascismo e a guerra, galvanizaram as mais profundas camadas laboriosas e exploradas da Espanha, e mobilizaram-nas para a luta eleitoral. Estas palavras

de ordem são a pedra de toque da coligação eleitoral. Elas tocaram as massas dum maneira decisiva, e facilitaram o acesso de novas e mais profundas camadas à participação activa na vida política do país.

Dai o aumento do número de eleitores, nomeadamente mulheres e trabalhadores. Estas palavras de ordem como factor da mobilização das massas para a luta eleitoral-política portanto tocam inclusive sectores massivos influenciados e dirigidos pelos anarquistas e anarco-sindicalistas. A massa cenetista, no seu anseio por lutar levou os seus chefes a quebrarem a sua atitude sectária do proximo passo a tal ponto que no orgão "Solidariedade Obreira" dela pareceu o clássico "Não Votar" que foi substituído

por:

« Quanto mais depressa se destrua a fé na democracia impotente e envilecida, mais depressa o proletariado se resolverá a apresentar às forças de dominação histórica uma amplíssima Frente de luta revolucionária »!

A vitória * eleitoral da Frente popular

ja deu como resultados imediatos e tangíveis, a queda do governo reaccionario de Portela Vala Dares e a sua substituição por um outro de "esquerda" presidido por Azana; um agravamento dos antagonismos que dividem os partidos do bloco contra-revolucionario, o seu debilitamento portanto, e o desprestigio de Gil Robles como seu chefe. Por outro lado as forças da reacção vèem-se constringidas a cederem o lugar às municipalidades revolucionarias de Outubro de 1934 e, finalmente, as massas longe de desmobilizarem, ao calor do proprio êxito, prosseguem para além do acto eleitoral a amplas acções pela Anistia.

Nesta senda, e desde as posições agora (conquistadas) o proletariado revolucionario espanhol molhor poderá preparar-se para as novas e decisivas batalhas, de que a revolução asturiana foi o ensaio geral indispensavel como a 1905 o foi para a revolução russa de 1917. A revolução amadurece na consciência das massas exploradas de Espanha. Pois bem, conjugando com mestria os meios legais e ilegais de luta, todos os meios ha que favorecer esse amadurecimento. A coligação eleitoral das "esquerdas" e a sua victoria, conquistada a pesar de-



Tôdas as manobras do govêrno de Valadares tendentes a favorecer o bloco contra revolucionário, refocilará nas mais amplas massas a ideia de frente de luta revolucionária contra o fascismo e a guerra.

Desporto ~~A~~ burquês desporto proletário

Não poucas vezes so a so mil homens, na sua maioria jovens, acotovelam-se, atropelam-se, deliram de entusiasmo no desafio de foot-ball.



É sporting - Benfica?
Os "vermelhos" e os "leões" de emblemas na lapela, observam-se, rancorosos, provocadamente.
É já tradicional há já mais de 20 anos, que os aficionados dos dois clubs se odeiam e que haja pandaria em dia de desafio.

É Portugal - Espanha?
Os "nossos" terão de ganhar ou, pelo menos, "moralmente ganhamos sempre".
Vem à baila tudo para provar que somos os melhores, desde a fabulosa lenda da padeira de H/ subarrota até ao profissionalismo de Zamora ou

Samitier.
No verão organizam-se voltas a Portugal de bicicleta. É preciso que haja sempre uma distração, tanto de verão como de inverno.

São centenas de milhares de trabalhadores que durante mais dum mês se entretêm a ouvir lês (porque na maioria não sabem lês) os furos de Nicolau, quantas vezes bebem água, se gosta de Ovomaltine, as opiniões de Trindade sobre os pneumáticos "Dunlop" as bicicletas "Olimpique", a lealdade de Nicolau, a vós do Dr. Salazar Carneira ouve-se em altos-falantes e pela T.S.F. anunciando a valentia das pernas de qualquer corredor, as vantagens de comerem pó pelas estradas do país é como a raça se torna mais forte e sádia.

Os jornais dedicam páginas e páginas a descrever o estado da "caravana" e as excelências do "Banacão". A tiragem aumenta.

Os trabalhadores esfomeados compram jornais.

Porque se interessa tanto o Dr. Salazar Carneira pela saúde da raça? Porque o "Século" e o "Diário de Notícias" lhe dedicam tanto espaço?

Porque protege o governo as voltas e manda construir estádios?

É porque lhe interessa o melhoramento da saúde das massas e o seu melhoramento físico?

Mas, neste caso é incompreensível que os salários diminuam, que os operários ganhem de 8 a 15 escudos, os trabalhadores mais 4 e 5 escudos, as mulheres 2 a 4 escudos, e os jovens de 1,50 a 4,75.

A fome é incompatível com fortalecimento físico. E estes salários significam fome.

Julgamos que fazer trabalhar a mulher até quasi ao dia do

parto não fortalece muito o filho que vai nascer.

Habitar casas como as do bairro das "Minhocas" e as "Ilhas" do Porto, como as dos camponeses, sem higiene, sem água sem luz, sem janelas, terreas, chovendo dentro, fortalece a raça?

E no entanto, o governo força os trabalhadores a viverem em casas cada vez piores.



Ora o Século, num dos seus artigos de fundo, de quando da última volta a Portugal de bicicleta disse-nos isso com todo o cinismo:

É preciso entreter as massas. Os jovens se não são arrastados pela bicicleta, ou pelo foot-ball, dedicam-se à política e isso é desastroso para a ordem social actual.

Está é a explicação do interesse em "fortalecer a raça". Toda a propaganda pró-desporto dos agentes do fascismo tem como objectivo atrair o maior número possível de jovens a dedicarem-se a ele e a gastarem a maior parte

do tempo disponível na sua prática ou a seguirem, com maior interesse os campeonatos e as lutas desportivas.

O desporto burguês tem como característica fundamental o ter como finalidade o desvio dos trabalhadores da luta revolucionária.

Nós sabemos quanto o desporto é útil como exercício do corpo, compreendemos a sua necessidade da vida sedentária dos empregados e dos operários, encerrados em oficinas imundas e obrigados a uma trabalho especializados em que apenas um grupo de músculos trabalha.

Não combatemos o desporto por combater o desporto.

Nós combatemos o desporto burguês, tal como o apontamos que pretendo o desenvolvimento duns quantos "especialistas", a que atraíam e entretenham a grande massa.

Quantas vezes ao sair da fábrica, depois de 8 horas de trabalho vão para qualquer campo foot-ball, até ao anoitecer. Aos domingos, estão mobilizados de manhã, para

um joguinho e, à tarde, para entregarem um dia da férias em troca de 3 horas de foot ball.

O trabalho de captação de massas por parte da burguesia encontra, no foot ball um poderoso meio.



Que fazer para subtrair os jovens trabalhadores da influência da burguesia?

Combater o desporto e levar do-os a deixarem de o praticar, como pretende alguns extremistas.

Não.

Devemos organizar grupos desportivos ou conquistar alguns já existentes à nossa influência.

Néles então fazer desportos sim mas mostrar o seu significado aos trabalhadores. Indicar-lhes o caminho revolucionário. Para a Federação das Juventudes Comunistas este trabalho de massas é duma fundamental importância.

Deve dedicar-lhe grande parte do seu esforço.

Os grupos desportivos que

organizamos devem ter a dupla função de cuidar da preparação física dos camaradas e setem centros de elucidação de todos os trabalhadores do que atrás dizemos. Um bom trabalho de fração trará a pouco e pouco grande parte dos jovens para as fileiras da Federação.



Claro que não vamos fazer de cada grupo desportivo uma organização comunista da Federação, mas fazer destas organizações de massas guiadas por nós.

IMPrensa PRISIONAL

Registamos, com agrado, o progresso incontestável que realizamos, neste número, em relação ao anterior: os colaboradores são já em maior número. Os apêlos têm sido atendidos pelos nossos camaradas. Alguns dos artigos enviados, especialmente para o "Boletim Inter-Prisional", não puderam ser publicados por falta de espaço!

Contudo, é necessário que os camaradas escrevam aquilo que possam sobre qualquer questão. Em cada artigo tratem

dum assunto apenas, não o façam muito grande e além disso, não devem pôr-se a gritar, (no fim de cada um) todos os "vivas" como costumam terminar o que escrevem.

Des camaradas recebemos para custear os gastos das publicações de prisão:

Da caserna nº 1..... 9465

Da caserna nº 2..... 16470

Da caserna nº 3..... 9475

As despesas feitas até agora com o material deste mês e algum do próximo mês, alcançaram 29180 ficando portanto um saldo de 6430

A flutuação no Partido

e as honras torefas na prisão



A flutuação consiste no movimento de entrada e saída de camaradas, nas fileiras do Partido. Sabem que o número de filiados aumenta constantemente, o certo é que se conseguíssemos evitar a saída constante de camaradas, o nosso progresso, seria muito mais notável.

Não vamos aqui analisar profundamente a questão, porque isso seria desnecessário para o que nos propomos. Com efeito, de que nos serviria um completo trabalho auto-crítico se não podemos aqui, na prisão, pôr em prática todas ou mesmo a maioria, das medidas que dessa auto-crítico resultariam?

Basta que estudemos algumas das causas da flutuação, aquelas que podemos combater.

Perseguiremos, assim o nosso trabalho de transformação da prisão numa arma que se vira contra a própria burguesia, que aqui nos meteu.

Todos os que têm passado pelas prisões têm observado e sentido os resultados benéficos, sob o ponto de vista de elevação do nível político e ideológico, que a maioria dos camaradas experimenta.

É um dos aspectos da contra-dição dialéctica da repressão. Está, como conteúdo fundamental do fascismo, "trava e acelera, simultaneamente, o movimento revolucionário."

Se por um lado atemoriza parte das massas, por outro cria condições propícias à

radicalização progressiva dessas mesmas massas.

O resultado deste aparente ciclo vicioso é o agrupamento delas à volta do Partido na luta tenaz e persistente contra o fascismo e a burguesia.

Cada vez as prisões se enchem mais. Não são apenas os militantes responsáveis ou simples membros do Partido que são hóspedes forçados do Estado Novo; são muitos trabalhadores dos campos e das cidades, sem Partido, sem nenhuma convicção mais do que é preciso manifestarem o seu desorientamento, por terem fome e não terem pão.

Podeis compreender que be-la campo nos oferece a burguesia, quando chega ao ponto de se cegamente, na ânsia da repressão.

Sente o trabalho activo e firme de destruição sistemática de todos os seus ali-cerces, executado pelo Partido e pela Internacional Comunista.

Lança-se, onde pode sobre

os militantes; prende-os, tortura-os e mata-os.

Quando não sabe donde parte a estocada, serve-m-lhe todos desde que sejam trabalhadores. Assim, encontramos-nos às centenas, em estreita ligação, mas com os outros nas prisões.

A questão do aproveitamento destas condições tem sido objecto de atenção de muitos camaradas e, mais ou menos, o trabalho tem-se feito; melhor em certas prisões, pior noutras. Mas sem dúvida, o seu rendimento pode ser muito maior.

A flutuação prende-se intimamente com o recrutamento, por isso referir-nos-emos tanto ao recrutamento para a nossa célula, como, dum modo geral, para o Partido.



Lancemos uma rápida vista de olhos às reuniões de algumas células.

Os seus membros chegam, quando aparecem todos, uns mais atrezados outros menos, mas há sempre espera por

vezes em locais que é inconveniente esperar.

Depois de reunidos, perguntam uns para os outros o que há? Em geral, depois da cobrança, quando a fazem, "nada mais há". Marcam nova reunião e o secretário faz uma acta onde, depois de citar os presentes e a cobrança, termina com a sacramental frase:

Por não haver mais nada a tratar, foi encerrada a sessão às... horas do dia... de mil novecentos e..., e pronto; está realizado o trabalho revolucionário por uma semana.

Outras vezes fala-se vagamente dumas vagas palavras de ordem que ouviram dizer e que "parece serem camaradas do C.C." Por exemplo, a Comora Central lança a palavra de ordem de intensificação do recrutamento. Pois, na célula diz-se, com toda a simplicidade, que "é preciso intensificar o recrutamento." Ninguém pensa como fazê-lo, de maneira que tudo continua na mesma e nenhum trabalho se faz..

Dum modo geral, não realizando a célula nenhum tra-

balho, os seus membros acabam por se afastar, por não compreenderem que se expõem a perigos e percam o seu tempo para nada fazerem.

Portanto, uma das causas do afastamento de camaradas é a falta de actividade dos organismos a que pertencem.

A falta a reuniões ou encontros, com camaradas recentemente filiados também acaba por os aborrecer e afastar; a falta de pontualidade e de sistematização de trabalho constituem outras causas.

Há uma outra causa que leva muitos camaradas a afastarem-se do trabalho revolucionário; é o mêdo da polícia e dos patrões.

A nossa justíssima propagação da contra o terror, contra os bárbaros métodos de repressão fascista, ao mesmo tempo que criaram a repulsa e a indignação dos trabalhadores, foi produzindo o lado negativo para nós, de afastar uns quantos.

Claro que perdemos uns quantos para conquistar largos camaradas. Nem podia ser

de modo diverso. Mas, podemos e devemos esclarecer esta questão para diminuir os efeitos nocivos que causa a organização.

Podemos observar que a flutuação também tem origem num deficiente recrutamento. Quantas vezes são aceites camaradas, cujo espírito de sacrifício, preparação revolucionária e abnegação pela nossa causa estão longe de fazer dele um membro do nosso Partido?

É ainda, para terminar esta análise, acrescentamos que a falta de depuração constante, de expurgação de mais elementos, deixa nas nossas fileiras não só agentes desfaixados como ainda germens que vão produzir ainda as piores consequências.

Quem pode recrutar um mau camarada, senão um tão mau ou pior?



* * *
Vejam os que podemos fazer na prisão para evitar todos os males apontados e a possibilidade de outros

ainda.

As escolas de cultura revolucionária e de prática de organização, orientadas dentro duma linha justa, dando-lhes o carácter não de aulas onde o "mestre disse", mas sim de verdadeiros centros de preparação de militantes, constituem dos melhores correctivos à maior parte das deficiências apontadas. É necessário que expliquemos a todos os camaradas o que têm que fazer, quais as atribuições e responsabilidades dum membro do Partido. Pó-los em contacto com os problemas da fábrica, do bairro, do país e os internacionais. Fazê-los praticar, dirigir células, organizar reuniões de sem partido, trabalhar nas organizações de massas e adversárias. Fazê-los participar em discussões e polémicas. Duma maneira geral, fazer com que todos os camaradas conheçam os nossos problemas fundamentais e aprendam o método de os resolver.

Isto tem-se feito; é portanto, possível alargar, melhorar, aperfeiçoar.

O trabalho real de organização da nossa célula é um treino para a sistematização do trabalho. Adquirimos o hábito de pontualidade e de como poderemos torná-lo mais eficiente.

Todos passamos pela polícia e sofremos-lhe as suas atrocidades. Vivemos aqui privados de quasi tudo mas, perguntamos a todos os camaradas:



Não estais dispostos a continuar a ser revolucionários, depois daqui sairdes?

Estamos convencidos que a grande maioria continuará, e com muito mais ardor, a pertencer às primeiras filas dos trabalhadores pela libertação e emancipação dos trabalhadores.

Que prova isto? Que prova o facto de que os que sofreram todas as atropelias da Polícia, sejam os mais ardentes batalhadores?

Prova que não temos medo da repressão, que estamos

dispostos a bater-nos sempre contra a contra-revolução.

É pusilânime não se lutar e acobardar-se, embora com desculpas com que se procura justificar a cobardia.

Devemos fazer compreender aos que se afastam que de nada lhes serve o afastarem-se. Não são poucos os que cá estão apesar de estarem há muito na inatividade.

Devemos recrutar camaradas para o Partido, entre os mais conscientes trabalhadores e investigar da sua vida, das suas possibilidades de trabalho e pôr de banda todo o que não mereça confiança debaixo de todos os aspectos.

Aqui, não vamos convidar para o Partido um preso que se portou mal na polícia, que é um denunciante, um mau camarada de prisão, que é irracional, que não tem nenhum espírito de solidariedade, que não liga importância à companheira e aos filhos, que não trabalha etc, etc. Também não devemos des-

curar a depuração, isto é expulsar do Partido todos os maus elementos. Temos a ocasião na prisão de nos conhecermos a todos e de pôr de parte todos os que consideram prejudiciais, actualmente e de futuro.

São estas as tarefas enun-

ciadas duma maneira geral, que se nos coloca, d' nossa célula, quando procuramos evitar uma saída de camaradas das nossas fileiras. Podemos prestar grandes serviços d' organização se cumprirmos o que dissemos.



Thaelman



governo de Hitler anuncia, para breve, o julgamento do nosso camarada, chefe do Partido Comunista Alemão, Thaelman.

Preso pouco depois do criminoso incendio do Reichstag incendio lançado por Hitler, Goering e Goebbs, o heroico militante da Internacional Comunista encontra-se ás ordens do verdugo do povo alemão há cerca de 3 anos.

É acusado de alta traição á pátria. Mas que pátria traiu ele?

Thaelman tem sido o lutador incansável pela emancipação dos trabalhadores alemães da opressão dos capitalistas. Ele lutou sempre pela liberdade

de do proletariado alemão e de todo o mundo.

Camaradas, a acção de todos nós libertou Dimitroff, Popoff, Tanef e Torgler. Nós libertámos Thaelman. Fazer conhecer a todos os camaradas presos e aos que se encontram em liberdade quem é Thaelman e porque Hitler quer eliminá-lo. Em todos os países, os dirigentes fascistas desencadeiam o terror contra os militantes mais destacados dos Partidos Comunistas para aterrorisarem as massas. Estas, porém, reagem e transformam esse terror contra elas numa arma contra o próprio fascismo.

Unamo-nos na luta pela liberdade de Thaelman.

Classes Sociais

Oinda que pareça deslocado o título deste artigo veremos no seu decurso que tal não é e julgamos esclarecer pois é simplesmente o fim que nos moveu a manufacturarmos "O Fogo".

Os grupos de individuos tomados em conjunto, como multidão homogênia, não nos darão, de-certo, quaisquer possibilidades de, a simples análise, de os dividirmos ou isolar-mos como camadas sociais.

Nem todos os componentes duma casta vestem ou falam uniformemente e, se por esta forma, quisermos esclarecer nada mais deduziríamos do que os pesquisadores incansáveis de laboratório. Ao cabo de aturados estudos dizem ser um absurdo dos marxistas a existência de classes sociais no seio da sociedade. Evidentemente que na situação em que se colocam individual-

mente, com a sua própria condição como componentes duma classe oposta, julgam quantos assim na realidade, uma arma fictícia empregada como demagogia pelos comunistas. Como felizmente não comungamos com êles, vamos observar nas fontes vitais das relações humanas onde aflora o problema com todas as suas consequências.

Certamente que na teoria encontramos multiplas fontes brotando esclarecimentos bastos, mas só assim o poderemos também aqui fazer, embora utilizando dados comprovados pela prática, utilizando-os modificando-os no pensamento dando-lhes assim uma forma assente.

Pouco se nos importa haverem sociólogos discordantes; eles como representantes da sua classe diferenciam-se de nós pelas suas condições económicas e não fazem mais

do que provar o que negam em seus trabalhos anteriores. Só este facto contém em si elementos assaz importantes para que mesmo neste escalão se possam completar estudos concludentes.



No conjunto humano deu-se há tanto tempo que começou na pré-história - uma divisão forçada, pelas condições independentes que nos grupos de indivíduos tomavam forma visível o factor económico. Avançando-se mais notamos na origem do Estado uma forma superior de defesa da propriedade privada. Nas lutas observadas então, é certo que predominava o elemento político contudo nunca por si só; hoje não encontramos luta política sem fundamento económico assim da mesma maneira não encontramos luta económica que não esteja estreitamente ligada à política.

A fase do feudalismo é já rica desde este ponto de vista; ali onde existiam burgueses lutando economicamente assistemos a um desmembramento da nobreza que transformava, com a sua

adesão à burguesia estas lutas em política e económicas. Muito antes, em Roma, patricios e plebeus entram em contenda; onde historiadores vêem política simplesmente, contrariamente dizemos nós e com mais autoridade, uma luta essencialmente económica em que os segundos depressamente explorados, pelos primeiros conseguem a sua representação no senado romano como conquista política e económica; aí poderiam eles reger e velar pelos interesses da sua classe o que doutra maneira lhes seria, impossível. Como advento da burguesia, e isto recentemente, se tem querido não só negar a existência de classes sociais no seio da humanidade mas, mais ainda os seus antagonismos. Aqui é o ponto mais importante, e observemos claramente.

Como acabamos de concluir, classes aparecem

ou melhor apareceram e existem, mas se sómente assim acontecesse como fenómeno zoológico pouco se nos dava, porém o caso é outro, foram os próprios homens como classe animal que se diferenciaram em castas e se guerreiam mutuamente não por prazer sádico, mas como defensores e atacantes de questões que brigam com a sua existência. O ponto de vista de hoje é mais claro.



Dum lado explorados - proletários - recebendo em troca do seu esforço um salário, única fonte de manutenção; do outro exploradores - burguesia - tendo os meios de subsistência no capital. Eis duas classes que se chocam numa luta titânica e sem precedentes históricas, vemos ociosos e productores; dos diversos choques travados conseguem uns e outros vitórias e derrotas bem patentes para nos mostrar quão irrefuta

veis são os nossos pontos de vista. Temos capitalismo conservador e proletariado destruidor, uns procuram servir-se das forças productivas pelo menor preço, outras vendê-las mais caras quanto possível; resultado: greves, levantamentos e protestos. Estas são simplesmente económicas, mas prestes ao Estado, com as suas hordas, as transforma em políticas. É por isso que actualmente com o fascismo ou sem ele desmascarado, se não dão apenas lutas económicas sem fundamento político.

Os interesses antagonicos têm o seu inicio principalmente no factor económico eis o importante.

Para finalizar, concluiremos que uma classe é um grupo de individuos ligados pelas mesmas condições, tanto económicas como políticas, ou melhor compostas por caracteres comuns entre si. O ponto primordial desta divisão está nos antagonismos económicos. Aqui proletários ali capitalistas.

Frente ao imperialismo

Na sua última fase, o capitalismo, em vez de encarar as colónias apenas como mercados para os productos fabricados nas metrópoles, transportam para elas o capital, instalando ali as indústrias, com o intuito de transformar as matérias primas e explorar a mão de obra coloniais mais baratas do que a dos países exportadores do capital financeiro. A instalação de indústrias, nas colónias ao mesmo tempo que agrava a situação dos trabalhadores das metrópoles, pela concorrência no mercado mundial do trabalho, de mão de obra barata contribui para a formação dum proletariado colonial que se fortalece e se organiza. Os operários indígenas ocupados nelas constituem hoje concentrações importantíssimas. Por exemplo em Changai, na China, país dependente dos imperialismos mundiais, que em 1920 pouca indústria tinha, o número de operários industriais ultrapassa

va em 1924, 175.000, dos quais 160.000 trabalhando em fábricas de mais de 500 operários.

As condições miseráveis em que vivem, a opressão nacional e internacional do capitalismo, aliadas à concentração industrial, à mentalidade revolucionária, à luta activa dos partidos comunistas, exemplo Soviético da U.R.S.S. e da China, levam os trabalhadores das colónias a colocar o problema da sua emancipação nacional proletariada.

Para isso o proletariado colonial conta como aliados imediatos para a luta anti-imperialista

- a) os camponeses
- b) a burguesia nacional oprimida pelo imperialismo.
- c) as massas trabalhadoras das metrópoles.

No caso particular das colónias portuguesas onde, devido ao próprio atraso e incapacidade do imperialismo português, elas não contam com indústrias de desenvolvimento

vidas, o problemas da sua emancipação, apresenta-se nos também em relação ao imperialismo britânico, em especial, que domina em grande parte do território colonial português. A nessa posição e a de impulsionar, desde já os trabalhadores das colónias a lutarem contra o imperialismo tanto português como inglês, a base da libertação nacional, em especial, em Angola e Moçambique.

Devemos englobar nessa luta os operários e camponeses a pequena burguesia e a burguesia das colónias, cujas raízes assentam já nelas.

Isto tanto brancos como negros. Em caso de ataque de qualquer imperialismo... estrangeiro, as condições que então se criariam na resistência a ele, tornariam ainda mais facilitadas as tarefas de luta contra o imperialismo português, por levantar a indignação entre camaradas que hoje se encontram afastadas da luta contra o imperialismo.

E nós auxiliaremos com todas as nossas forças essas lutas. Não nos colocamos no ponto de vista burguês de defesa das massas coloniais, mas sim o da sua emancipação imediata.



O domínio actual da Inglaterra sobre a propria metrópole portuguesa, traduzida na posse de caminhos de ferro, de minas de cobre, carvão e ferro, etc; de telefones de cabo submarino, transportes urbanos; companhias vinícolas, petróleo, cortiça, tecidos, papel etc; colocam a indústria nacional em péssima situação de dependência. Se tivermos ainda em atenção os capitais aqui empregados o quasi monopólio do comercio externo, a obrigatoriedade de importação de carvão, ferro e productos manufacturados compreendemos porque os governos portugueses são meros fantoches camaradas por Londres.

Por isso lutamos e agitamos as massas mostrando-lhes

como somos opressidos pela Inglaterra. A libertação deste jugo está intimamente ligada à revolução proletária. É um dos pontos fundamentais de luta e é, na medida

que consigamos mobilizar as massas na luta contra o imperialismo inglês, que vamos tornando mais maduras as condições que nos conduzem ao governo Operário e Camponês.

